

TATIANA BOLARI/REUTERS



## Presidente do Observatório Helénico da LSE “Mais cortes no imediato potenciam uma crise política”

**Luis Villalobos**

● Kevin Featherstone, presidente do Observatório Helénico da *London School of Economics*, tem poucas dúvidas que a UE e o FMI irão tentar exigir novas medidas de austeridade a este país. O que não é necessariamente positivo.

Em declarações ao PÚBLICO, este responsável, que é também conselheiro especial do primeiro-ministro grego, Papandreu, sublinha que há áreas onde os gastos públicos são mal utilizados, mas que se corre o risco de avançar com demasiada força e rapidez, aprofundando a recessão da Grécia e agravando ainda mais a situação fiscal.

“Insistir no imediato em cortes de custos adicionais acarreta certamente riscos de uma crise política na Grécia”, afirmou. Para Featherstone, “a Europa está a querer mostrar uma postura dura, mas na verdade está a agir contra os seus próprios interesses colectivos. A solidariedade europeia deve ser demonstrada através do apoio a reformas firmes e sustentadas, sem recorrer a cortes mais profundos, feitos em estado de pânico”.

O diário grego *Kathimerini* noticiava na sua edição de ontem que na reunião de conselho de ministros o responsável das Finanças, Papaconstantinou, relatou a existência de pressões por parte da Europa e do FMI para que fossem implementadas novas medidas de austeridade.

Na semana passada, o FMI já afirmara publicamente que a Grécia poderá ter de passar por uma fase de deflação, com descida do poder de compra e dos preços dos produtos, de modo a tentar ganhar competitividade. Ainda de acordo com o *Kathimerini*, diversos ministros do governo Pasok opuseram-se à hipótese de novos cortes. Apesar de, em termos gerais, o Governo continuar a ter o apoio da

população, há a percepção de que a partir de um determinado limite, que ninguém sabe exactamente qual é, a contestação social poderá tornar-se ingerível.

No início de Março, quando foi anunciada a necessidade de poupanças adicionais avaliadas em 4,8 mil milhões de euros, Papandreu afirmou que se tinha chegado a “um ponto limite” na aplicação de medidas.

Nesse dia, ficou estabelecido aumentar de novo os impostos, congelar o aumento das pensões e cortar os subsídios de férias e de Natal dos funcionários públicos (que já tinham sofrido um corte nas remunerações).

Mesmo assim, Panos Giannakopoulos, um pequeno empresário de 43 anos que reside em Atenas, afirmou ao PÚBLICO que as pessoas que conhece mantêm-se dispostas a fazer

8,7%

É o défice que a Grécia tem de apresentar este ano, o que implica um corte de quase cinco pontos percentuais

sacrifícios. Isto desde que se acabem com alguns privilégios e se resolvam problemas de sectores como a função pública (grande e ineficiente). No entanto, diz, é necessário que “se fale a verdade e que haja uma estratégia clara de como e quando sairemos da crise, de modo a evitar conflitos e instabilidade social”. Neste momento, diz, ainda está “optimista”.

Com ou sem novas medidas, as greves gerais, que continuam a assolar o país, prometem não desaparecer tão cedo. Isto ao mesmo tempo que os dois principais partidos se posicionaram em campos opostos, após indícios de unidade política em volta da crise. Ontem, o líder da Nova Democracia, Samaras, defendeu que o Governo não devia ter feito o pedido de ajuda.

la durou apenas algumas horas  
ultrapassar a barreira dos cinco por cento

### Juros das obrigações a 10 anos

Diferencial face à Alemanha



Fonte: Reuters

portuguesas face às obrigações alemãs atingiu um novo máximo desde a criação do euro em 1999, situando-se agora em 1,95 pontos percentuais.

De acordo com os analistas dos

mercados, a explicação para esta reacção negativa à opção grega - que tanto tinha sido exigida nas semanas anteriores - deve-se à existência de muitas incertezas em relação à forma como a Grécia, mesmo com este empréstimo, vai acabar por resolver os seus problemas orçamentais.

Uma das dúvidas está no facto de, para já, ainda só estar garantido um empréstimo de 45 mil milhões de euros para este ano, não se sabendo qual o dinheiro disponível para os anos seguintes. A correcção do desequilíbrio orçamental grego, num cenário de forte recessão económica devido às medidas de contenção, deve ser bastante demorada, pelo que os mercados, antes de emprestarem dinheiro ao Estado grego, querem ter a certeza que o apoio europeu se irá

prolongar durante mais tempo.

Além disso, as preocupações mantêm-se em relação a um potencial contágio a outros países da zona euro, como Portugal e Espanha. Será que haverá disponibilidade política e fundos para salvar mais Estados?

Não terão ficado naturalmente mais tranquilos quando o Governador do banco central alemão - e um dos mais fortes candidatos a futuro presidente do BCE -, Axel Weber, afirmou que, apesar de a crise grega não representar um problema grave para o euro, existe o risco de contágio a outros países da zona euro.

O presidente da Comissão Europeia, Durão Barroso, fez questão de afirmar em Lisboa que “a situação portuguesa é séria, mas diferente da grega”. **Sérgio Aníbal**

LOUISA GOULIAMAKI/AFP



Gregos dispostos a sacrifícios se acabarem os privilégios de alguns